

A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA ARTE

Silvina Maria dos Santos (UNAR)¹

RESUMO

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa que teve como principal objetivo o levantamento bibliográfico das mulheres na história da arte. A compreensão das obras e trajetórias de mulheres artistas esbarra, necessariamente, no problema de lacunas historiográficas, uma vez que não foram objetos de estudos monográficos, não representaram em mostras de caráter individual ou coletivo, não deixaram registros memoráveis, logo não pertenceram à história, fato que é explicado, por alguns críticos, como resultado lógico de baixo nível estético de suas produções. As mulheres foram por muito tempo subjugadas, criticadas, menosprezadas, brigando por espaço no mundo da arte. Vindo a contribuir com parte notória na história da arte, com suas produções na vida artística, intelectual e cultural na nossa sociedade que não poderiam passar despercebidas - lacunas que ficaram sem preencher por anos -, pois as mulheres eram consideradas amadoras e proibidas de participar da academia Imperial, que ocupada, profissionalmente, por muito tempo, somente por homens. O processo do amadorismo ao profissionalismo foi longo e envolveu transformações diversas no campo artístico. Buscamos evidenciar o trabalho de várias artistas que foram esquecidas pela história, que sofreram com a crença na inferioridade intelectual feminina. Artistas que permaneceram por muito tempo nas sombras e tiveram suas obras desvalorizadas de forma considerável. A pesquisa relata a história de artistas femininas, por períodos, desde a Pré-História ao Modernismo. Apesar da recusa da crítica especializada em reconhecer o seu valor estético, hoje podemos aventar o valor das obras de Sononisba Anguissola, Artemisa Gentileschi, Rosalva Carriera e Anita Mafaliti, mulheres que contribuíram para abertura de caminhos capazes de romper os mecanismos de exclusão e segregação.

Palavras-chave: História. Arte. Mulheres artistas.

¹ Acadêmica de Pedagogia. Este trabalho é fruto de TCC, apresentado junto ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Centro Universitário de Araras Dr Edmundo Ulson, ao ano de 2021, sob orientação do Prof. Aline Campos.

INTRODUÇÃO

Abordando este tema como pesquisa, pode ser observado a grande lacuna bibliográfica na história das mulheres, que foram por muito tempo apagadas no mundo da arte, sendo, por um longo período, consideradas amadoras, as mulheres precisavam se autoproclamarem artistas em busca do reconhecimento.

Essa pesquisa vem a contribuir com parte notória da história da contribuição das mulheres à vida artística, intelectual e cultural da nossa sociedade, que não deve passar despercebida. Uma lacuna gigante de fato ao não contemplar nenhuma tela ou escultura de artistas mulheres, até hoje excluídas do cânone acadêmico.

O entrelaçamento da obra histórica de homens e mulheres mostra como o profissional (homem) construiu seus padrões de excelência ao se diferenciar de um outro (mulher), inferior, indigno e trivial. Muito se questionava se haviam mulheres artistas antes das modernistas, desconhecimento que pode ser sanado com pesquisa documental, mas que pode vir a reforçar a ideia de ausência de mérito, excepcionalmente, para negar às mulheres o pertencimento da categoria de artista.

Reescrever a história das artistas femininas é, de fato animador, podendo ser uma empreitada metodologicamente mais ampla, que, para sua concretização, depende de posturas valorativas que conformam a própria disciplina denominada história da arte. Sendo assim, os esquemas classificatórios não podem ser tomados como verdade trans-históricas, mas sim, usadas como indicadores de valores culturalmente determinados, os quais iremos por meio desta pesquisa, desmistificar, desvendando como exercem o feito de um poder simbólico, mas que se torna eficaz na medida em que conta com o consentimento dos denominados.

Na realidade, ao recuperar, na origem, o desenvolvimento do rótulo de artista mulheres como amadoras, se abrem caminhos capazes de romper mecanismos de exclusão e segregação que seu uso opera, assim reescrevendo seus contextos, no que foram omitidos.

A RENASCENÇA: O COMEÇO DA ARTE MODERNA

A Renascença marca o começo da pintura moderna. Iniciou-se em Florença, no início de 1.400, se estendendo à Roma e Veneza, e, em 1.500, ao resto da Europa, atingindo os Países Baixos, Alemanha, França, Espanha e Inglaterra, em um movimento que ficou conhecido como Renascença do Norte.

Os elementos em comum foram as redescobertas da arte e da literatura da Grécia e Roma, bem como o estudo científico do corpo humano, do mundo natural e a intenção de reproduzir, com realismo, as formas da natureza.

Com o advento dos novos acontecimentos técnicos, como o estudo da anatomia, por exemplo, os artistas evoluíram na arte de pintar retratos, paisagens, motivos mitológicos e religiosos. Em virtude do desenvolvimento das técnicas de pintura, seu prestígio aumentou, chegando ao auge na Alta Renascença.

Durante esse tempo, a Reforma Protestante diminuía o domínio da igreja, resultando na diminuição de estudos de um Deus supremo, partindo para o estudo do homem. Com a descoberta das inovações técnicas e das obras de arte, possibilitaram-se novos estilos para representar a realidade.

Os quatro grandes passos foram as mudanças de pintura a têmpera, em painéis de madeira e afresco em paredes de alvenaria para pintura a óleo, em telas esticadas, o uso das perspectivas dando

peso e profundidade à forma, o uso de luz e sombra em oposição a linhas desenhadas e as composições piramidais na pintura.

Como artista mulher de destaque no período renascentista, podemos destacar Sofonisba Anguissola, nascida entre 1532 e 1538, sendo a filha mais velha entre sete irmãos. A família Anguissola pertencia à pequena aristocracia cremonense, mas era uma família com formação suficiente para que os pais oferecessem educação completa, possibilitando o acesso à arte. Ela começou a estudar no ateliê, aproximadamente entre 1550 e 1559, destacando-se na pintura de retratos.

Como pintora moderna no século XVI, por mais que se destacasse no quesito de qualidade artística, tinha que se restringir à outras denominações, como pintora religiosa, de natureza morta, ou pintora de retratos, que foi na qual mais se concentrou.

A restrição no campo de ação das pintoras dessa época vai além. Elas precisavam praticar arte antes de serem reconhecidas, e atuavam muito no âmbito da família, retratando pinturas da mesma.

Essas obras foram objetos de estudos, pois, felizmente, alguns estudiosos se voltaram para isso. Em 1985, ocorreu em Cremona uma exposição realizada por Giuli Bora, dedicada à obra de Bernardino Campo, mestre de Sofonisba, que apresentou algumas obras da artista, sendo o ponto de partida para numerosos estudos.

Durante a sua juventude na Itália, até 1559, Sofonisba pintou basicamente autorretratos e retratos de família, mas isso não impediu que ela trabalhasse sua criatividade. Um dos seus quadros mais famosos é uma partida de xadrez em grupo, de suas irmãs.

A obra juvenil de Sofonisba deu-lhe fama, apesar da pintora se fazer encantar por suas próprias obras, seu pai tinha um importante papel em promovê-la. Foi ele quem conseguiu que Sofonisba e suas irmãs estudassem no atelier de Bernardino Campi. Devido à fama de Sofonisba, o Duque de Sessa, representante de Felipe II, que estava prestes a se casar com Isabel de Valois, a chamou para ser dama de companhia da futura rainha, seguindo para a corte entre 1559 e 1560.

Na corte, a pintora cremonense realizou diversos retratos de Isabel de Valois. Teve que se adaptar às normas contemporâneas do retrato de corte espanhol. Por outro lado, levou consigo algumas características de suas primeiras obras. No fim da vida ela também pintou temas religiosos, embora muitos tenham sido perdidos. Anguissola tornou-se uma rica patrona das artes após o enfraquecimento das vistas, e, em 1625, morreu aos noventa e três anos de idade, em Palermo.

BARROCO

O estilo que sucedeu o Renascimento foi o Barroco. Um estilo que não é tão fácil de se identificar como foi possível nos estilos que o antecedeu, pois, até o Renascimento, os artistas e os arquitetos usavam as mesmas formas básicas, como colunas pilastras, cornijas, entablamentos e molduras inspiradas em ruínas clássicas, segundo História da Arte (Grombich, 1985, p. 269).

A palavra “barroco” foi um termo empregado pelos críticos de um período ulterior, que lutaram contra as tendências seiscentistas e queriam expô-la ao ridículo. Barroco significaria algo realmente absurdo e grotesco, era empregado por homens que insistiam em que as formas das construções clássicas jamais deveriam ser usadas ou combinadas, a não ser do modo adotado pelos gregos.

No período barroco pode ser destacada a artista Artemisia Gentileschi, que nasceu em 08 de julho de 1593. Artemisia foi a primogênita entre os seis filhos de Prudenza Montore e Orazio Gentileschi. Teve sua vida marcada por um processo aberto pelo seu pai contra o pintor Agostini

Tassi, acusado de violentá-la durante um ano por volta de 1611. Tassi e Orozio realizavam juntos a pintura *Cassino dele muse*, no palácio Rispigliosi, Tassi se aproveitava da ausência de Tutia, quem cuidava de Artemísia e a abusava sexualmente.

Este acontecimento traumático irá refletir diretamente nas pinturas de Artemísia. Após Tassi ter saído do processo, que foi encerrado com uma condenação superficial, devido o tempo em que ocorreram os abusos, a pintora foi acusada de amante, não de vítima. Ela sai de Roma e vai se estabelecer em Firenze, com seu marido Pietro Antônio Stiattesi, em uma união articulada pelo pai a fim de limpar sua imagem.

Artemísia retratou toda a sua indignação em suas pinturas, se autorretratando, em sua grande maioria, através das mulheres célebres ou inserida em contextos bíblicos. Ela colocava todo o seu drama pessoal enquanto força motivadora das escolhas das temáticas retratadas em sua obra. As pinturas que reproduziu após o episódio de estupro, demonstram força expressiva de sua linguagem, passando a assumir características próprias, principalmente quando as heroínas retratadas eram as famosas personagens bíblicas, manifestando sua revolta à condição de condenação por seu sexo. O talento de Artemísia pode ser comprovado pelo fato de ter sido a primeira mulher aceita na Academia de Belas Artes em Florença, na Itália, a mesma pela qual passou Michelangelo. Ela sofreu muito com a indiferença e a rejeição do mundo artístico de sua época por ser mulher e passou pela humilhação de ver a autoria de seus quadros atribuídos a seu pai e outros artistas masculinos.

Demorou muito tempo para que seu valor artístico fosse reconhecido, pois mesmo depois de morta, durante séculos, foi considerada apenas uma curiosidade, uma raridade exótica e menor na história da arte. Artemísia chegou a ter um pouco de fama, mas após a sua morte em 1654, na cidade de Nápoles, caiu no esquecimento. Apenas na metade do século XX que sua arte começou a ser novamente apreciada por alguns críticos e assim seu nome reavivado.

ROCOCÓ

O Rococó começou no começo do século XVIII, período em que a predileção por cores se sucedeu ao gosto mais robusto do Barroco e que se expressou em alegre frivolidade.

Podemos considerar o Rococó um exacerbamento do Barroco no aspecto formal, devido a profusão de detalhes, curvas e contracurvas, sendo considerado o estilo da nobreza, que buscava na arte o essencialmente estético, caracterizado pelas linhas leves e graciosas em tom pastel que iluminavam os aristocráticos personagens em luxuosos ambientes.

O Rococó se prolongou por todo o século XVIII, tendo seu apogeu durante o reinado de Luís XV. O elemento mais característico do Rococó é a rocalha. Uma derivação da palavra francesa *rocaille* (concha), artifício muito usado na decoração na época, em formas estilizadas pelos decoradores. Sobreviveu até os fins do século XVIII, quando foi substituída pelo racionalismo do estilo Neoclássico.

A artista de destaque desse período é Rosalba Carriera. Ela nasceu no final do século XVII, em uma época em que o fazer artístico e os ambientes dos ateliês eram exclusivos dos homens. O estudo da anatomia humana e dos nus era inimaginável no currículo de uma mulher, sobrando para elas a natureza morta e os retratos.

Ela seguiu seu caminho aproveitando a experiência da realização de desenhos para bordados que fazia para a sua mãe. A técnica exigia muita precisão e concentração e assim ela foi dando seus primeiros passos no mundo da arte.

A formação de Rosalba e suas irmãs foi extremamente importante para o que viria posteriormente. Elas receberam uma ótima educação com lições de música, filosofia, pintura e línguas, o que não era muito acessível à época.

A precisão desenvolvida com os bordados ajudou Rosalba a se especializar na realização de miniaturas, pintando em osso e marfim. As decorações eram aplicadas em porta joias e nas caixinhas que guardavam tabaco. O que era moda na época, hoje é uma preciosidade dos acervos dos museus no mundo inteiro.

Mas o que fez Rosalba se tornar famosa em toda a Europa, foram as técnicas do pastel. Ela inaugurou um novo estilo, o rococó, que trazia consigo delicadeza, elegância e graça, atributos íntimos à sua personalidade. Ela foi criando seu próprio espaço, pintando retratos de personalidades, nobres e monarcas não precisando competir com os homens, que se dedicavam, principalmente, aos retábulos dos altares das igrejas e afrescavam os palácios e as vilas venetas.

Rosalba e suas irmãs Ângela e Giovana foram grandes empreendedoras. Construíram um ateliê e administraram com muita habilidade, em uma época com pouca liberdade para as mulheres. Elas construíram relações com membros da alta sociedade europeia, a quem vendiam seus quadros.

Em 1720, já estável na carreira, Rosalva foi para Paris com sua mãe e uma das irmãs. O povo parisiense fazia muita questão de conhecê-la, pois ela fazia os mais belos quadros. Em Paris, a artista fez 76 quadros e 21 miniaturas.

Foi em seu atelier veneziano que Rosalva teve os seus melhores momentos. Lá, retrata outras grandes mulheres venezianas de sua época, com as quais teve grande amizade: a cantora Faustina Bordoni, a bailarina Campanini e a poetisa Bergali.

Em seus últimos anos de vida, Rosalba sofreu uma perda gradual da visão, o instrumento que a tornou uma das maiores artistas de todos os tempos. Morreu em 1752 com 82 anos de idade, ao lado de sua fiel irmã Giovana.

MODERNISMO

Em torno do final de 1800 a começo de 1900 as mulheres foram criando notoriedade. Não haviam muitas exposições oficiais, mas, mesmo assim, foram crescendo individualmente, evidenciando, assim, críticas pormenorizadas, ou ao menos circunscritas, às suas produções e não somente às suas parcerias conjugais.

No Modernismo pode ser destacada a pintora brasileira Anita Mafalitti. Ela iniciou a aprendizagem das primeiras técnicas de pintura com sua mãe, que, após a morte de seu marido, dava aulas de pinturas e línguas para sustentar a família. Estudou entre 1910 e 1914 na Alemanha e entre 1915 e 1916 nos Estados Unidos.

Sua primeira exposição individual aconteceu em São Paulo, em 1914, mas foi em 1917 que ela se tornou conhecida em uma exposição protagonizada pela artista, que foi alvo de críticas severas escritas por Monteiro Lobato. A partir desta publicação, vários artistas denominados modernistas e outros alardeavam em defesa da jovem incompreendida, que após as duras acusações sofreu um grande retrocesso em seu processo criativo. A pintora foi por décadas avaliada como uma vítima incontestável do escritor, como segue texto de Mario da Silva Brito, bibliografia amplamente citada nos estudos de artes brasileiras:

O fato é que o artigo de Monteiro Lobato, *béguin* de um grande jornal e já bastante conhecido produziu resultados desastrosos e prejudicial a artista atacada, [...]. A mais dolorosa das consequências, foi sem dúvida, a de perturbar a evolução da artista,

abalar-se a confiança em si própria, pô-la em choque mais ainda com os seus – e o que é principal – consigo mesma. Foi sobretudo feri-la de tal modo que, em uma exposição seguinte, desse a impressão duma artista que tivesse perdido a própria alma. O fato é que quando viu a modernista que apresentava com repudiada com insulto e cada gargalhada besta que nem seria da Assistência não parando mais no ar. Anita Mafalhti fraquejou. (SIMIONI, 2008, PÁGINA 79)

Monteiro Lobato foi divulgado por muitos com a imagem de um algoz e como um mau pintor, frustrado, e sem legitimidade para julgar os arroubos da jovem pintora.

Em 1922 participou junto com seu amigo Mário de Andrade da Semana da Arte Moderna, no qual integrou o *grupo dos cinco*. Entre 1923 e 1928 morou em Paris, para aprimorar seus estudos. Retornou para São Paulo em 1928, passando a lecionar desenho na Universidade Mackenzie até 1933. Em 1942 tornou-se presidente dos artistas plásticos de São Paulo, e entre 1933 e 1953 passou a lecionar nas dependências de sua residência. Veio a falecer em São Paulo, dia 06/11/1964, aos 74 anos de idade.

CONCLUSÃO

Realizando este trabalho de pesquisa, foi possível perceber que as mulheres foram, por muito tempo, subjugadas, criticadas, menosprezadas, tendo que sempre brigar por espaço no mundo da arte. O processo do amadorismo ao profissionalismo artístico foi longo e envolveu transformações de ordens diversas no campo artístico. As conquistas educacionais e o declínio da supremacia acadêmica, alimentado pelas contestações de novos grupos artísticos e o crescimento paulatino de um mercado paralelo, formaram, por assim dizer, o lastro estrutural dessas mudanças.

Procurei, ao longo deste trabalho, evidenciar o trabalho de várias artistas que foram esquecidas na história, consideradas amadoras, sofrendo pela crença na inferioridade intelectual feminina. As artistas acadêmicas permaneceram por muito tempo nas sombras e suas obras sofreram uma dupla desvalorização.

As hipóteses de esmaecimento das carreiras femininas, a saber, o tardio ingresso na academia e o papel desempenhado pela noção do amadorismo propagada pelas críticas, são úteis apenas para um determinado período cultural, no qual o academismo dominou como instância central. O certo é que qualquer interessado em seguir adiante com tais temas e perguntas, necessitará de uma atitude crítica em relação às categorias de época. As noções com que foram julgadas as obras das artistas não são dados impenetráveis, mas dados que precisam ser colocados em xeque, o que implica em uma revisão constante do próprio cânone da história da arte, afinal, este é o grande responsável, tanto pela inclusão de alguns artistas, como pela exclusão de outros.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, D. **Introdução a História da Arte**. Editora Ática.

GROMICH, Ernst.H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC,1999

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista; Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008

PEDROSA, Adriano. CARNEIRO, Amanda. MESQUITA. André. **História das Mulheres, histórias femininas**. São Paulo: MASP,2019